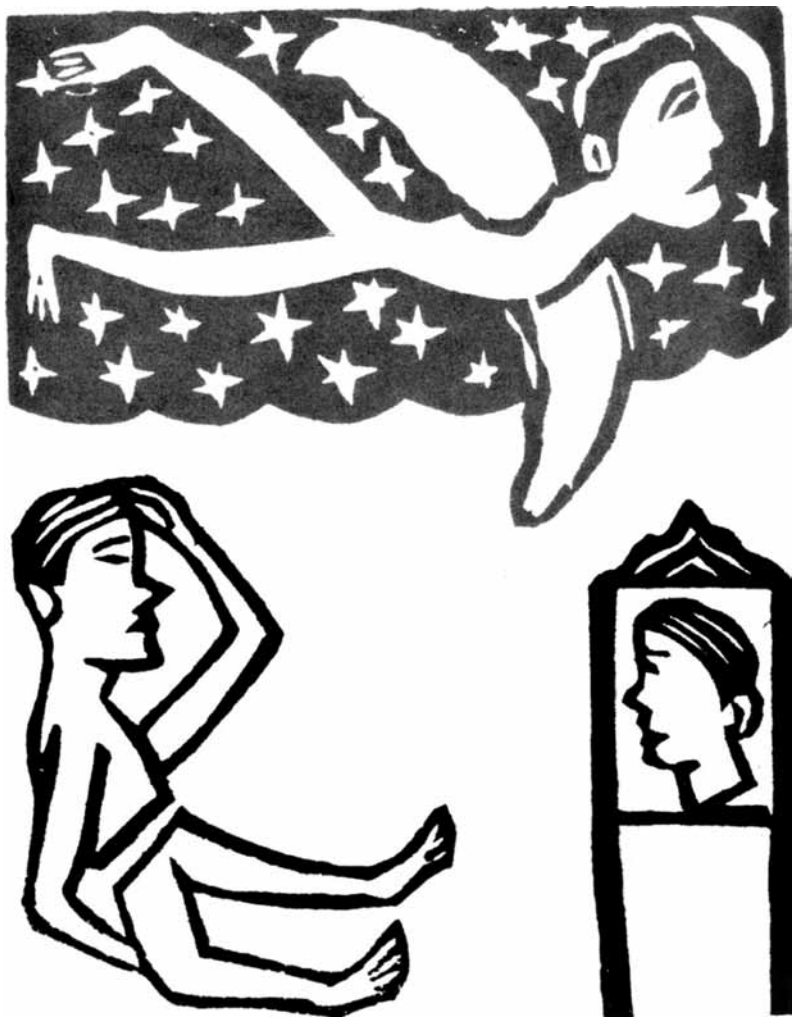
História da sombra[1]

Eduardo Galeano
Montevidéu (Uruguai)

PÁGINA 14: Espetáculo *Último Diahoje* (2002), Traço Cia de Teatro - Foto de Renata Vavolizza

[1] GALEANO, Eduardo H. *As Palavras Andantes*. Porto Alegre: L&PM, 2004. Tradução de Eric Nepomuceno. Ilustrações de José Francisco Borges.

O primeiro sabor do qual se recorda foi uma cenoura.
O primeiro cheiro, um limão partido ao meio.
Recorda que chorou quando descobriu a distância.
E recorda que certa manhã ocorreu o descobrimento da sombra.

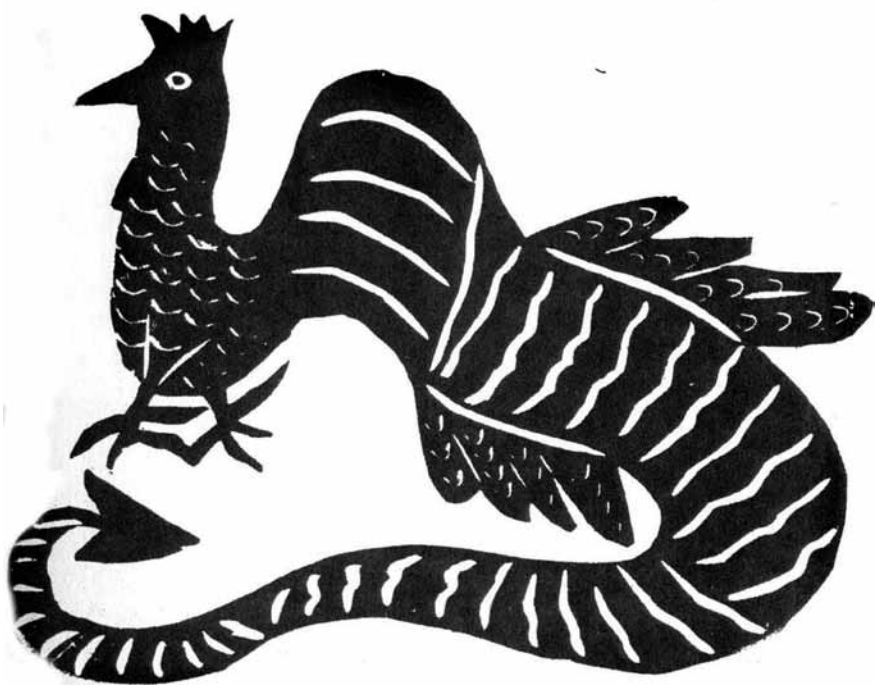


Naquela manhã, ele viu o que até então havia olhado sem ver: grudada a seus pés jazia a sombra, mais longa que seu corpo.
Caminhou, correu. Onde ele ia, fosse onde fosse, a perseguidora sombra ia com ele.

Quis arrancá-la. Quis pisá-la, chutá-la, golpeá-la; mas a sombra, mais rápida que suas pernas e seus braços, se esquivava sempre. Quis saltar sobre ela; mas ela adiantou-se. Virando-se bruscamente, tirou-a da frente; mas ela ressurgiu atrás. Grudou-se contra o tronco de uma árvore, encolheu-se contra a parede, meteu-se atrás da porta. Onde ele se perdia, a sombra o encontrava.

Finalmente, conseguiu soltar-se dela. Deu um salto, jogou-se na rede e separou-se da sombra.
Ela ficou embaixo da rede, esperando por ele.

Depois, ficou sabendo que as nuvens, a noite e o meio-dia suprimem a sombra. E soube que a sombra sempre volta, trazida pelo sol, como um anel que procura o dedo ou um abrigo viajando rumo ao corpo. E se acostumou.



Quando ele cresceu, com ele cresceu sua sombra. E ele teve medo de ficar sem ela.

E o tempo passou. E agora, quando ele está encolhendo, após os dias de sua vida, tem pena de morrer e deixá-la sem ele.